

A Embrapa e a maçã brasileira: duas decisões para o bem do país

Por ocasião do aniversário da Embrapa junto à Estação Experimental de Fruticultura de Clima Temperado em Vacaria, em maio de 2013, em meio a conversas com colegas do setor da maçã, foi possível constatar um fato que nem sempre surge à primeira vista: o que há em comum entre a história da Embrapa e trajetória da maçã brasileira. Na verdade, há muito em comum e é isto que trazemos nestas linhas oportunizadas pelo Jornal da Agapomi.

O que ocorre é que a maçã é um dos melhores exemplos da capacidade inovadora que resultada da soma do esforço entre produtores, pesquisadores e técnicos, com apoio de políticas públicas. Até as décadas de 1960-70, falar-se em produzir maçã no Brasil era praticamente uma utopia, uma ideia que parecia impossível de concretizar: afinal, o Brasil não tinha clima adequado, outros países produziam muito melhor e bastava importar para temos maçãs no país. E não é que não havia maçã produzida no Brasil – pelo contrário, a maçã chegou ao país nos idos de 1500 e várias iniciativas surgiram para viabilizar o cultivo, inclusive no Rio Grande do Sul, sem haver, entretanto, a consolidação da cultura em larga escala. Para o bem do Brasil, contudo, a utopia foi superada, os preconceitos foram quebrados e, principalmente, os empreendedores souberam vencer os desafios iniciais, buscar suporte na pesquisa, em consultorias internacionais, em visitas ao exterior e em políticas públicas de apoio. E assim, criou-se um contexto favorável para que o Brasil que, até a década de 1970, figurava como importador da fruta, passasse a ser um dos principais produtores mundiais, não apenas exportando maçãs de alta qualidade, mas também tornando a maçã uma fruta acessível ao consumidor brasileiro durante todo o ano. E tudo isso para o bem do Brasil, pois nos tornamos produtores competitivos de uma fruta que não apenas traz benefícios para a saúde, mas gera emprego, impostos e renda, a ponto de mudar radicalmente o panorama econômico de municípios do RS, SC e PR nestas últimas décadas. Não foi mágica, nem foi um processo simples – pelo contrário, foi um desafio vencido com muito estudo, muito investimento e muito suor. E o desafio ainda continua. Há problemas tecnológicos e gargalos para a competitividade que ainda precisam ser vencidos. É, de certa forma, o custo da maturidade de um setor: à medida que são superados os primeiros degraus, há novos passos que precisam ser vencidos.

E o que isso tem a ver com a Embrapa? Talvez sejam poucas as culturas que tenham tanta semelhança com a trajetória da maçã brasileira. Isso porque, há 40 anos atrás, mais precisamente em abril de 1973 (enquanto a maçã dava os primeiros passos rumo à uma produção de larga escala), foi tomada uma decisão estratégica para o país. Ciente de que era preciso fazer muito mais para modernizar a agricultura brasileira, o governo brasileiro agiu de forma séria, porém ousada e

inovadora, para criar uma empresa de pesquisa agropecuária. Esta decisão não surgiu do nada. Em diagnósticos e projeções, especialistas, lideranças e produtores apontavam que, apesar do esforço de um departamento de pesquisa dentro do Ministério da Agricultura, era preciso dar um passo além, criando uma empresa nova, formando pessoas e gerando conhecimento capaz de fazer com que a vocação brasileira para a agropecuária se tornasse em uma atividade moderna e rentável, capaz de substituir importações e alimentar a população brasileira, gerando excedentes para a exportação. E assim surgiu a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, cuja história se confunde com a trajetória das últimas quatro décadas da produção primária no Brasil.

Se olharmos 40 anos para trás, podemos ver que o Brasil de fato assumiu sua vocação agrícola, que existia desde seu surgimento como país, mas que era relegada a segundo plano, como se fosse uma atividade econômica de menor relevância. Hoje, temos o Brasil como um dos maiores produtores mundiais de alimentos, fibras e agroenergia, no topo do ranking de diversos produtos fundamentais para suprir as necessidades de uma população mundial que já ultrapassou 7 bilhões de habitantes e não para de crescer.

É claro que atribuir o sucesso da agricultura apenas à Embrapa é enxergar parte do cenário complexo e múltiplo que é o agronegócio brasileiro. Políticas públicas, empreendedorismo, investimentos privados, estudos acadêmicos, organização das cadeias produtivas, diversidade cultural e natural: todos estes são fatores fundamentais que criaram o terreno fértil para que a Embrapa pudesse dar o retorno ao Brasil daqueles investimentos feitos a partir da decisão de 1973.

Assim como a maçã, já havia pesquisa agropecuária antes da Embrapa. Mas foi preciso tomar essa decisão para estabelecer um novo patamar e atender à demanda da sociedade. E, igualmente, não foi um processo fácil. Pelo contrário, foram necessários investimentos públicos significativos, foram tomadas decisões que contrariaram interesses, o tempo gasto para consolidar essa nova Empresa foi certamente questionado por muitos e, por fim, aquilo que parecia uma utopia: uma instituição de pesquisa capaz de ser líder na geração de tecnologia para a agricultura em um país predominantemente tropical. Mas o mais importante é que os desafios foram vencidos. Assim como observado com a maçã brasileira, hoje a sociedade em todo o país usufrui dos benefícios daquela decisão tomada de vencer barreiras e superar os preconceitos. E os benefícios não são apenas dos produtores, mas também do consumidor, que tem acesso a alimentos a preços acessíveis. Porém, também a Embrapa não pode olhar apenas para o passado e ver a trajetória de sucesso. Temos a obrigação de estar atentos para contribuir para a solução dos mesmos, em parceria com os produtores e com os atores da cadeia produtiva. E, assim como a maçã,

temos a convicção de que a maturidade traz suas consequências: a Embrapa tem uma imagem de contribuições importantes, mas precisa continuar contribuindo à medida que novos desafios surgem. Afinal, esta é a essência de nossa Empresa. É preciso olhar para a frente e não será difícil constatar as oportunidades para aprofundarmos nossa ação: novas pragas e doenças, mecanização, redução de custos, aumento da qualidade da fruta, redução do impacto ambiental, novos insumos, novas cultivares/clones, viabilização da cultura da pera, oportunidades para processamento da maçã, entre outras tantas.

E o papel da Embrapa se reflete em todo o Brasil. E também aqui, na cadeia produtivas da maçã, da uva, do vinho e das demais frutas de clima temperado, o campo de trabalho e o público preferencial da Embrapa Uva e Vinho. São muitos resultados que já estão no campo e que tendem a vir, como inovações, beneficiando cada um dos produtores, técnicos, empresários, consumidores e, enfim, a sociedade que tem acesso aos produtos destas cadeias.

É nítido que nossas histórias (da maçã e da Embrapa) têm muitos pontos em comum. E desejamos que continuemos tendo uma sintonia não apenas de trajetória, mas de muito sucesso e muitas boas notícias para a sociedade brasileira, continuando uma parceria que é sólida e que precisa, dia a dia, ser aprimorada para trazer a todos aqueles resultados necessários para uma cadeia produtiva ainda mais rentável e sustentável.

Entre abril de 2013 e abril de 2014, a Embrapa está comemorando seus 40 anos. Diversos eventos, em todo o país, estão sendo realizados, além de muitas outras formas de divulgação de seu trabalho. Acima de tudo, porém, estas comemorações e registros são um reconhecimento de cada um de nós, seus empregados, à decisão de 1973 que repercute para o bem do Brasil até hoje. Além disso, é também uma oportunidade de prestarmos contas dos investimentos que a sociedade fez e faz na Embrapa, bem como um rico momento para pensarmos nas contribuições futuras em tecnologias para uma agricultura complexa em um país tão plural como é o Brasil



Créditos – Divulgação Embrapa Uva e Vinho

Três dimensões que integram o panorama da contribuição da Embrapa: programa de erradicação da *Cydia*, avaliação de cultivares e clones e qualificação da produção de sidra como alternativa de processamento

ALEXANDRE HOFFMANN
Pesquisador da Embrapa Uva e Vinho,
chefe-adjunto de Transferência